

**Daxiyangguo**

Portuguese Journal of Asian Studies | Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos

ISSN: 1645-4677 | ISSN-e: 2184-9129 | 2023, Número 30, páginas 195-218

DOI: 10.33167/1645-4677.DAXIYANGGUO2023.30/pp.195-218

## **A Rivalidade Estratégica entre a Arábia Saudita e o Irão no Conflito do Iémen: Rumo a um Fim?**

The Strategic Rivalry between Saudi Arabia and Iran in the Yemeni Conflict: Towards an Ending?

**Pedro Pinto\***

\* Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Portugal; Email: pnp.ppinto@gmail.com

### **RESUMO**

O conflito no Iémen, em curso desde 2015, travado entre o movimento *Houthi* e o governo central reconhecido internacionalmente, apresenta uma dimensão internacional, no âmbito da campanha militar levada a cabo por uma coligação de países sunitas liderada pela Arábia Saudita, em apoio ao Presidente Abd Mansur al-Hadi no combate às forças *houthis*; e da assistência tático e militar concedido aos *Houthis* pelo Irão. Deste modo, estabeleceu-se uma guerra por procuração entre os dois grandes poderes da região do Médio Oriente, no contexto de uma rivalidade geopolítica, caracterizada por uma acirrada competição pelo estatuto de potência hegemónica regional. Contudo, a oferta de um cessar-fogo no Iémen por parte de Riade, e as aberturas diplomáticas concedidas à Arábia Saudita pelo novo Presidente iraniano, Ebrahim Raisi, têm representado uma inversão do *status quo*.

**Palavras-Chave:** Iémen; Conflito; Arábia Saudita; Irão

**ABSTRACT**

The conflict in Yemen, ongoing since 2015, between the *Houthi* movement and the internationally recognized central government, presents an international dimension, as part of the military campaign carried out by a coalition of Sunni countries led by Saudi Arabia, in support of the President Abd Mansur al-Hadi in fighting *houthi* forces; and the tactical and military assistance given to the *Houthis* by Iran. In that way, a proxy war was established by the two major powers of the Middle East region, in the context of a geopolitical rivalry, characterized by a fierce competition for the status of regional hegemonic power. However, Riyadh's offer of a ceasefire in Yemen, and the diplomatic overtures granted to Saudi Arabia by the new Iranian President, Ebrahim Raisi, have represented a reversal of the *status quo*.

**Keywords:** Yemen; Conflict; Saudi Arabia; Iran

**1. Introdução**

O conflito no Iémen deriva da expansão de capacidades táticas e militares do movimento *Houthi*, cujo *modus operandi* se demarca pela oposição ao governo central reconhecido internacionalmente, que tradicionalmente apresenta uma incapacidade de impor a ordem e de exercer o monopólio sobre o uso da violência, o que veio proporcionar um contexto de fragmentação interna e contribuir para a emergência de diversos grupos e atores não-estatais, em competição pelo acesso ao poder (Clausen, 2018:561).

A origem dos *Houthis*, também autodenominados de *Ansar Allah* — “*Ajudantes de Deus*” — encontra-se na província de Saada, localizada no Norte do Iémen, junto da fronteira com a Arábia Saudita. As primeiras manifestações de objeção ao governo iemenita remontam ao início da década de 2000, então sob a Presidência de Ali Abdullah Saleh, e vinham-se por um sentimento de revolta e protesto face às alegações de marginalização política e socioeconómica da região de Saada, que apresenta um maior atraso no desenvolvimento de infraestruturas e serviços fundamentais, e por uma reivindicação dos direitos culturais e religiosos do *Zaydismo*, um ramo do Islão *shiita*, que detém uma considerável expressividade no Norte do Iémen. Estes protestos vieram a escalar para seis ciclos de guerra civil travados com o governo central, decorridos entre os anos de 2004 e 2010. Não obstante, o movimento adquiriu maior relevância e aceitação na sociedade iemenita após os eventos da Primavera Árabe, em 2011, nos quais foram parte ativa, triunfando no objetivo de depor o Presidente Saleh (Popp, 2015:2).

O grande ponto de viragem deu-se em setembro de 2014, aquando da ocupação de Sanaa pelos *Houthis*, cuja posterior expansão de áreas controladas, em direção ao sul do país, viria a culminar na resignação do Presidente Abd

Rabbuh Mansur al-Hadi, no início de 2015, e na formação de uma coligação entre vários países vizinhos, liderada pela Arábia Saudita, que procedeu a uma campanha militar no Iêmen, recorrendo, essencialmente, a bombardeamentos aéreos e bloqueios navais e aéreos, afirmando a pretensão de derrotar os *Houthis* e restabelecer a soberania do Presidente Hadi. Paralelamente, evidências sugerem a prestação de ajuda aos *Houthis* por parte do Irão, nomeadamente através do fornecimento de armamento e apoio logístico, ainda que de forma não assumida (Esfandiary & Tabatabai, 2016:155; Brehony, 2020:510,514).

Deste modo, o desenho de pesquisa da presente investigação é sustentado em torno da seguinte questão de partida: *Que rumos têm seguido as disputas geopolíticas entre a Arábia Saudita e o Irão no conflito do Iêmen?*. O período de análise compreende os anos entre 2015 e 2022. O objetivo geral da investigação reside em examinar o reflexo da rivalidade estratégica entre a Arábia Saudita e o Irão no conflito iemenita. Por conseguinte, os objetivos específicos consistem em (i) identificar os esforços empreendidos na construção da paz no Iêmen; (ii) analisar os interesses das partes na estabilização do Iêmen; e (iii) observar os recentes passos tomados no sentido de uma aproximação iraniano-saudita.

## 2. Enquadramento Teórico

A investigação segue a teoria do Neorrealismo, de Kenneth Waltz, partindo do princípio de que o poder constitui o principal elemento que move as Relações Internacionais. O poder é medido, essencialmente, mediante as capacidades económicas e militares de cada Estado. Atendendo a que o sistema internacional é anárquico, dada a inexistência de uma autoridade superior às unidades políticas e a ausência de qualquer garantia de segurança, torna-se racional para cada Estado a obtenção de um determinado grau de poder que garanta a respetiva sobrevivência numa situação de agressão por parte de outro, uma vez que todos os Estados possuem capacidade militar ofensiva, permanecendo um constante ambiente de incerteza. Quanto mais poderoso for um Estado em comparação com os respetivos rivais, menor é a probabilidade de ser atacado. Nesta lógica, as diferenças de ordem cultural e de regimes políticos entre os Estados são tidas como irrelevantes, uma vez que todos prosseguem o mesmo objetivo primário — a sobrevivência, que se traduz na salvaguarda da integridade territorial (Dunne et al., 2013:77-79). Quando um Estado não dispõe das capacidades militares devidas, inevitavelmente encontra-se à mercê dos Estados vizinhos mais poderosos (Waltz, 1979:102).

Considerando que os Estados constituem unidades políticas que, no mínimo, procuram a respetiva sobrevivência, e no máximo, o domínio univer-

sal sobre os demais, nesse sentido atuando conforme os respetivos interesses (Waltz, 1979:113,118), o Neorrealismo admite a possibilidade de cooperação no sistema internacional, mediante a formação de alianças, tendencialmente com a intenção de estabelecer um bloco de oposição perante um adversário comum. Assim, a par da concentração de capacidades económicas e militares, o equilíbrio de poder é outra ferramenta a que os Estados recorrem para assegurar os respetivos interesses e adquirir os ganhos relativos face ao rival (Dunne et al., 2013:79-80; Donnelly, 2013:37-42).

A relevância desta teoria no presente estudo enquadra-se, substancialmente, na análise dos interesses securitários e estratégicos dos atores externos envolvidos na guerra do Iémen. Fundamentalmente, procura-se observar, à luz do Neorrealismo, os objetivos a que se propõe a Arábia Saudita mediante a condução de uma intervenção militar no Estado vizinho, em apoio ao governo legítimo reconhecido internacionalmente, e as pretensões iranianas na conceção de apoio logístico e militar aos *Houthis*. De igual modo, a teoria é pertinente no estudo das dinâmicas de equilíbrio de poder ao nível regional e internacional, nomeadamente, analisando as alianças e parcerias estratégicas formadas em oposição a um adversário comum. Atendendo à reflexão da rivalidade iraniano-saudita neste conflito doméstico, o Neorrealismo busca compreender os esforços internos envidados por parte dos dois grandes poderes do Médio Oriente, numa lógica de competição pelo acúmulo de poder e de expansão das respetivas esferas de influência.

### 3. Revisão da Literatura

Clausen (2018), no artigo académico *Competing for Control over the State: The Case of Yemen*, explora o forte envolvimento de atores não-estatais na política doméstica iemenita, argumentando que a estabilidade da ordem interna é uma variável dependente do equilíbrio de poder estabelecido entre os atores políticos. O particular caso dos *Houthis* e respetivo crescimento e conquista de influência política e social é analisado por Popp (2015) e Al-Hamdani & Lackner (2020).

Parveen (2018) procede a uma análise dos atores externos envolvidos no conflito. Kaptan (2021) procura explicar o equilíbrio de poder que se desenvolve no Médio Oriente. A especificidade da intervenção militar por parte da coligação de países liderada pela Arábia Saudita no Iémen é aprofundada nas publicações de Stenslie (2015), Hokayem & Roberts (2016), Sharp (2018) e Darwich (2020), que considera o receio de perda de estatuto regional como fundamento para a escalada de violência provocada, principalmente, pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos, os intervenientes mais proativos da coligação militar. Juneau (2020) analisa os interesses de Abu Dhabi e respetivo

*modus operandi* no conflito. O papel dos Estados Unidos da América no conflito é apresentado por Malley & Pomper (2021) no artigo *Accomplice to Carnage: How America Enables War in Yemen*, publicado na revista *Foreign Affairs*.

O contributo de Johnston et al. (2020), no livro *Could the Houthis be the Next Hizballah? – Iranian Proxy Developments in Yemen and the Future of the Houthi Movement*, é relevante para a compreensão do relacionamento entre o Irão e os *Houthis*, e os interesses de Teerão no conflito, partindo de uma análise da estratégia iraniana na aproximação a outros atores não-estatais regionais. Este posicionamento da República Islâmica é, de igual modo, exposto nos artigos académicos de Terrill (2014), Juneau (2016, 2021), Kendall (2017) e Amiri & Mirzaei (2021).

As fontes estruturais das tensões entre a Arábia Saudita e o Irão são exploradas por Litvak (2017) e Mirza et al. (2021). Phillips (2020) estuda a competição entre as duas potências regionais após a Primavera Árabe. Alzawahreh (2021) analisa a rivalidade iraniano-saudita, à luz da teoria do Dilema do Prisioneiro, destacando as dinâmicas de competição entre os dois poderes regionais e perceções mútuas de ameaça decorrentes da pujança económica e militar que ambos detêm, principalmente após a Revolução Iraniana de 1979. Ghoble (2019) defende que o antagonismo – tanto religioso, como estratégico – se reflete nos Estados Falhados vizinhos, que adquirem contornos congéneres a um campo de batalha entre os dois opositores regionais. Hussain (2015) descreve as relações entre os Estados Unidos e o Irão, focando-se nas hostilidades desde a Revolução Islâmica de 1979.

O artigo científico de Gul et al. (2021) examina os desafios impostos pelas tensões entre Riade e Teerão à segurança do Médio Oriente, no enquadramento dos conflitos na Síria, no Iémen e no Iraque, e do programa nuclear iraniano. Salisbury (2015) e Munteanu (2015) exploram o jogo geopolítico entre os dois poderes regionais no conflito entre os *Houthis* e o governo iemenita reconhecido internacionalmente. Rauta (2018, 2021) foca-se na conceptualização do termo “guerra por procuração” e nas dinâmicas de envolvimento das partes. Karakir (2018) avalia a natureza da guerra iemenita, questionando-se acerca da viabilidade em descrever o conflito como uma guerra por procuração. Esfandiary & Tabatabai (2016) analisam o conflito, sob o argumento de que a cooperação entre a Arábia Saudita e o Irão pode contribuir para a estabilidade e paz regional.

Pradhan (2020) e Brehony (2020) avaliam a evolução do conflito e as perspectivas para alcançar a paz. Mabon et al. (2021) e Guzansky & Shine (2021) analisam o futuro das relações iraniano-sauditas, destacando a recente retoma do diálogo entre a Arábia Saudita e o Irão, no contexto da nova adminis-

tração norte-americana de Joe Biden, e as mudanças significativas na política externa de Riade que podem conduzir ao término do conflito no Iémen. Salisbury & Weissenburger (2022) assinalam o sucesso da trégua assinalada no Iémen em 2022, que conduziu a um cessar-fogo por parte das forças da coligação liderada pela Arábia Saudita e representa o maior esforço de construção da paz desde o início do conflito.

#### 4. Enquadramento Metodológico

A investigação segue uma abordagem epistemológica pós-positivista, partindo da assunção de que os fenómenos não decorrem de leis causais na sua totalidade, aceitando um determinado grau de incerteza, à luz da conceção de que a realidade pode ser moldada por fatores sociológicos e sujeita à mudança e reinterpretção. Assim, o presente artigo alicerça-se numa perspetiva interpretativista e numa análise holística (Porta & Keating, 2008:24-26). Recorre-se a uma análise de dados qualitativos, recaindo a recolha de informação na literatura académica, mediante a consulta de obras e artigos científicos relevantes, publicações de *think-tanks* e informações avançadas pelos *media*.

De igual modo, é adotado um método prospetivo de forma a perceber eventuais cenários futuros para a sociedade iemenita e para a ordem regional. Perestrelo (2002:35) descreve a prospetiva como uma disciplina que visa identificar os cenários mais prováveis, observando a estratégia dos atores sociais, as variáveis, alianças e conflitos que determinam os processos de tomada de decisão. Para Michel Godet, a construção de cenários deve assentar em quatro critérios: pertinência, coerência, verosimilidade e transparência. Contudo, tanto pode ser seguida uma metodologia de *forecasting* — examinando os desenvolvimentos possíveis tendo por base as tendências correntes numa sociedade, privilegiando-se a formulação de hipóteses plausíveis e extrapolando-se as tendências do passado, enquadrando-se numa abordagem realista e conservadora — como de *backcasting*, na qual o ponto de partida reside num panorama desejável, traçando-se as medidas que devem ser adotadas para alcançar esse estágio, observando-se uma abordagem revolucionária e de rutura, por vezes, irrealista. No corrente estudo recorre-se ao *forecasting*, conjecturando-se os cenários mais plausíveis à luz das tendências observadas no desenrolar do conflito (Hatem et al., 1993:221-246).

#### 5. O Envolvimento de Atores Externos no Conflito e Dinâmicas de Equilíbrio de Poder

O Iémen usufrui de uma posição geoestratégica fundamental — localizado na Península Arábica, é limitado a Norte pela Arábia Saudita, a Este pela Omã, a

Oeste pelo Mar Vermelho, e a Sul pelo Golfo de Aden (cfr. Anexo 1). Na costa sudoeste, atravessa o Estreito de Bab-el-Mandeb, que cruza uma parte do Canal do Suez, estabelecendo uma ligação entre o Oceano Índico e o Mar Vermelho (Munteanu, 2015:59). O Estreito de Bab-el-Mandeb é, desde a década de 1930, uma rota crucial do comércio petrolífero, onde são transportados diariamente cerca de 3,3 milhões de barris de petróleo (Amiri & Mirzaei, 2021:382-384).

Neste sentido, o Iémen funciona como um *pivot* geopolítico, correspondendo à definição do termo fornecida por Brzezinski (1997:41) — Estados cuja importância deriva respectiva da localização geográfica, e cuja condição interna vulnerável pode moldar o comportamento de determinados atores geopolíticos. Este conflito doméstico tem sido marcado pelo envolvimento de atores geopolíticos, cada qual apresentando cada um interesse particular.

### 5.1 A Coligação Liderada pela Arábia Saudita

A Arábia Saudita, desde sempre encarou a fronteira com o Iémen como uma potencial ameaça securitária, tendo-se oposto firmemente à unificação, temendo o nascimento de um país mais poderoso a sul do Reino, capaz de ameaçar a integridade territorial saudita e o respetivo posicionamento hegemónico regional. Deste modo, Riade sempre apresentou um interesse na manutenção das tensões dos grupos do sul do Iémen, embora também fosse imperativo evitar uma “nova Somália” no Golfo Pérsico (Munteanu, 2015:60).

O Iémen é particularmente importante para Riade enquanto zona de influência, pelo que durante décadas a Arábia Saudita sempre esteve envolvida nos assuntos iemenitas (Esfandiary & Tabatabai, 2016:155). De acordo com Karakir (2018:130), existem quatro motivos para a Arábia Saudita pretender estabilizar o Iémen: (i) garantir a segurança fronteiriça; (ii) travar as ambições hegemónicas regionais do Irão; (iii) combater ameaças terroristas; (iv) salvaguardar a segurança do Médio Oriente. Nesta lógica, os líderes sauditas tendencialmente adotaram uma política de contenção relativamente ao Iémen, conferindo determinados apoios que permitissem a manutenção de qualquer regime político de Sanaa, de modo a evitar um Estado colapsado na fronteira, o que impactaria na segurança de Riade. Assim, na década de 1980, Riade tornou-se um patrono tanto do governo iemenita, como dos líderes militares e tribais, mediante o pagamento de uma estipêndia mensal (Salisbury, 2015:3-4).

Em 25 de março de 2015, a Casa de al-Saud anunciou o lançamento de uma ofensiva no Iémen, a *Operação Tempestade Decisiva*, manifestando as pretensões de restaurar o governo legítimo e reconhecido internacionalmente de



Abd Rabu Hadi e de salvar a população iemenita da agressão *houthi* (Darwich, 2020:104). Porém, a intervenção acarreta interesses do foro nacional, tais como a melhoria da imagem saudita, no contexto da recente humilhação após a tentativa falhada de defesa contra o regime de Bashar al-Assad na Síria; a consolidação do estatuto de potência hegemónica do mundo sunita; e a contenção da esfera de influência iraniana (Stenslie, 2015:2). Horas depois do anúncio, oito Estados — Egito, Bahrain, Kuwait, Qatar, Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Sudão e Marrocos — prontificaram-se a apoiar esta intervenção e aceitaram participar na mesma, formando-se uma coligação de países sunitas. Expectava-se que em uma semana fossem alcançados os objetivos propostos. Em 21 de abril de 2015, os membros da coligação anunciaram o fim da *Operação Tempestade Decisiva* e o início da *Operação para Renovação da Paz*, que consistiria numa transição da lógica de atuação de operações militares para um processo político no qual seria promovido o diálogo. Porém, na prática, manteve-se a campanha ofensiva. Alguns membros da coligação foram-se retirando, designadamente Marrocos, em 2019, e o Qatar, em 2017, enquanto outros Estados, como o Egito, a Jordânia e os Emirados Árabes Unidos reduziram o envolvimento militar (Darwich, 2020:104).

A coligação recebeu apoios externos, destacando-se o Senegal que, em maio de 2015, anunciou a contribuição de 2100 soldados e a Eritreia, que disponibilizou as ilhas Hanish, situadas a 29 km do Iémen, e o uso do porto de Assab aos Emirados Árabes Unidos, por um período de 30 anos, para derrotar os *Houthis* (Hokayem & Roberts, 2016:171). Os Estados Unidos da América, o Reino Unido e a França apoiaram diplomaticamente a coligação, auxiliando na conquista de apoio político no seio do Conselho de Segurança das Nações Unidas (Brehony, 2020:511). Importa frisar que este apoio prestado à coligação por parte das potências ocidentais prendeu-se com o interesse securitário de evitar que o caos no Iémen potencie a expansão de capacidades de organizações terroristas, particularmente o *Al-Qaeda na Península Árabe* e o ISIS (Parveen, 2018:137).

Numa fase inicial, os Emirados Árabes Unidos foram um dos membros mais proativos da coligação liderada pela Arábia Saudita, manifestando as pretensões de derrotar os grupos extremistas do Iémen, nomeadamente o *Al-Qaeda na Península Árabe*, e travar a expansão da esfera de influência iraniana. Mais ainda, a tomada de Aden pelos *Houthis* constituiu uma ameaça à segurança marítima dos Emirados. Assim, tornou-se primordial para Abu Dhabi a conquista de influência nos portos da costa sul do Iémen, tendo, para o efeito, estabelecido bases e instalações nas ilhas iemenitas de Socotra e Perim, e na cidade de Assab, na Eritreia. Também no contexto da oposição ao



partido iemenita *Islah*, os Emirados Árabes Unidos desenvolveram uma proximidade com os grupos separatistas do Sul do Iêmen, que historicamente se opõem ao partido islâmico. Este apoio materializou-se sob a ajuda na formação do Conselho de Transição do Sul, em 2017, que agrega os vários grupos independentistas, e veio permitir consolidar a presença naval emirati na África Oriental, designadamente na Eritreia, no Djibouti e na Somalilândia (Juneau, 2020:191-193; Darwich, 2020:108-110). Apesar do sentimento anti-*Houthi* partilhado pela coligação e os grupos do Sul, a Arábia Saudita revela uma maior dificuldade em se relacionar com estes (Hokayem & Roberts, 2016:172).

No entanto, a participação dos Emirados Árabes Unidos na coligação foi revista em 2019, decidindo-se que os custos da intervenção superavam os benefícios. A partir de junho, Abu Dhabi deu início a uma parcial retirada e redefinição das forças estacionadas no Iêmen, afirmando que o foco seria doravante as operações de contraterrorismo e menos o combate aos *Houthis*. Contudo, manteve-se o apoio prestado à família de Saleh e às milícias do Sul (Juneau, 2020:195-196).

Não obstante o uso de armamento sofisticado por parte das forças da coligação, esta estratégia tem-se revelado ineficaz face às tentativas de terminar o conflito e depor os *Houthis*. Os bombardeamentos aéreos atingem maioritariamente a população civil, e não tanto os rebeldes. O facto de Riade não ter empreendido forças terrestres no Iêmen revela uma certa incapacidade estratégica e o desconhecimento das táticas dos *Houthis* no território iemenita (Kaptan, 2021:67-69). Em resultado, a intervenção teve um resultado contrário ao proposto — os *Houthis* desenvolveram uma aproximação crescente ao Irão, e permitiu-se o crescimento de grupos extremistas, nomeadamente o *Al-Qaeda na Península Arábica* (Darwich, 2020:106).

## 5.2 O Irão

O Irão constitui um Estado revisionista na região do Médio Oriente, demonstrando uma estratégia de apoio a grupos rebeldes e movimentos de resistência que emergem em outros Estados, cuja ordem interna é marcada pela insegurança, como um dos pilares-chave da política externa. Três fatores influenciam a decisão de Teerão em apoiar um ator não-estatal em particular: (i) o grau de Estado Falhado onde o grupo se insere, dada a facilidade de expandir a capacidade de influência numa sociedade onde a autoridade central é fraca, embora nunca intervindo diretamente nas crises domésticas (Juneau, 2016:648); (ii) a posição geográfica, apresentando uma preferência pela expansão da capacidade de influência em Estados onde existe uma contiguidade territorial com os principais atores rivais, designadamente Israel e a Arábia

Saudita; (iii) atores insatisfeitos e que demonstram uma rejeição face à ordem política doméstica dominante e/ou ao *status quo* regional caracterizado pela presença norte-americana e a hegemonia saudita (Juneau, 2021:2).

Assim, na lógica da perceção de ameaça norte-americana, Teerão investe no apoio a atores não-estatais, que podem apresentar benefícios no curto prazo e contribuir para a concretização dos objetivos de longo prazo, tais como a reestruturação da ordem regional e a expansão de influência no Médio Oriente (Johnston et al., 2020:5). Numa fase inicial, a República Islâmica começa por explorar os grupos, mediante o estabelecimento de contactos e providência de assistência logística em níveis muito limitados, de modo a perceber qual o potencial parceiro e o mais rentável na prossecução dos objetivos geostratégicos (Juneau, 2021:2). O *shiismo* não constitui um critério para o estabelecimento de uma parceria — o *Hamas* e a *Jihad Islâmica*, grupos *sunitas* que se opõem ao Estado de Israel são aliados iranianos históricos e de grande relevância (Juneau, 2016:649; Amiri & Mirzaei, 2021:397).

Historicamente, o contacto entre o Irão e os *Zayditas* do Iémen era bastante limitado. Após a Revolução Islâmica de 1979, alguns *zayditas*, em pequeno número, começaram a deslocar-se ao Irão para a frequência de estudos religiosos, na cidade de Qom, destacando-se os irmãos Hussein e Abdul Malik al-Houthi (Juneau, 2016:655-657). O apoio político e diplomático do Irão aos *Houthis* sempre foi evidente, mas a assistência militar nem sempre foi fácil de provar. A natureza do envolvimento iraniano no Iémen parece ter evoluído desde 2011, no âmbito da intensificação da rivalidade iraniano-saudita e da expansão de influência conquistada pelos *Houthis* (Terrill, 2014:430-431,435). O Irão é o único Estado que reconhece o governo iemenita liderado pelos *Houthis*, simbolizado esse reconhecimento pelo envio de um embaixador, Hassan Erloo, para Sanaa em 2020. Os *Houthis*, no ano anterior, haviam enviado um embaixador para Teerão, Ibrahim Mohared Al-Dailami (Juneau, 2021:4-6).

Os *Houthis* afiguram ser de relativa importância aos interesses iranianos, nos contextos nacional e regional, uma vez em que apoiam o Irão na condição de líder espiritual do *shiismo* (Amiri & Mizaei, 2021:397). Todavia, os *Houthis* rejeitam várias crenças fundamentais do *shiismo* iraniano (Esfandiary & Tabatabai, 2016:157). Além do apoio religioso, o Iémen é estrategicamente importante para Teerão, nomeadamente no que respeita à criação de instabilidade na zona fronteiriça com a Arábia Saudita e na imposição de custos securitários ao Reino, o que pode desencadear uma permeabilização de redes terroristas transnacionais fixadas no território iemenita. Ao subsidiar o grupo no conflito, a República Islâmica aplica um investimento de baixo custo e sem envolvimento direto, enquanto para Riade acarreta elevados custos na

condução da intervenção militar (Johnston et al., 2020:64-65; Al-Hamdani & Lackner, 2020:20). Tal como preconizara Waltz (1979:171), numa competição entre dois poderes, as perdas de um representam os ganhos do outro.

No primeiro ano do atual conflito, a assistência iraniana baseava-se essencialmente na prestação de aconselhamento militar e treinamento. Os interesses do Irão no Iémen eram limitados, não constituindo uma prioridade geostratégica como as operações conduzidas no Iraque, na Síria e no Líbano, além do receio de que os custos de um maior envolvimento superassem os benefícios. Posteriormente, a crescente sofisticação dos ataques lançados pelos *Houthis* aponta para uma expansão do fornecimento iraniano de equipamento militar e armas, tais como drones, mísseis balísticos e armas antitanque. Contudo, importa destacar que o Irão nunca adquiriu a capacidade de moldar os eventos no Iémen, nem de controlar os *Houthis* (Brehony, 2020:513-514; Esfandiary & Tabatabai, 2016:156; Juneau, 2016:658-661; Al-Hamdani & Lackner, 2020:20).

No entanto, coloca-se a questão sobre como entram as armas no território iemenita durante a vigência do bloqueio aéreo e naval saudita. Juneau (2021:9), sugere que o fornecimento de armas decorra por via marítima em pequenos barcos, escondidas debaixo de mercadorias, ou através da ténue e permeável fronteira com a Omã. Estima-se que a cidade portuária de Al-Hodeidah seja o principal ponto de entrada de abastecimento iraniano às forças *houthis* (Johnston et al., 2020:69). Contudo, o arsenal *houthi* não provem exclusivamente do Irão, mas também da absorção, coerciva ou negociada, de unidades do exército iemenita, das alianças com milícias tribais, e compras no mercado negro, e também adquiridas do governo (Juneau, 2021:11).

A par do Irão, os *Houthis* detêm uma parceria com o *Hezbollah*, movimento libanês também apoiado pelo Irão ao nível financeiro, político e militar. O *Hezbollah* concede apoio tático, sendo frequente o deslocamento de líderes *houthis* ao Líbano, onde recebem treino e aconselhamento. Um símbolo desta parceria é representado pelo estabelecimento em 2011, por parte dos *Houthis*, da própria estação televisiva, *Al-Masirah*, sediada em Beirute (Al-Hamdani & Lackner, 2020:20; Esfandiary & Tabatabai, 2016:165; Juneau, 2021:9).

### 5.3 A Omã

A Omã assume um papel de neutralidade no conflito iemenita, mantendo relações cordiais com todos os atores, dada a vulnerabilidade geográfica de Mascate, derivada da proximidade física tanto com o Irão, como com a Arábia Saudita. Nesse sentido, tem facilitado diálogos formais e informais entre as partes envolvidas, nomeadamente entre os *Houthis* e a Arábia Saudita (Juneau, 2021:10).

Contudo, evidências sugerem a prestação de alguma assistência logística aos *Houthis* por parte de Mascate, nomeadamente no que diz respeito à entrada ilegal de armas e munições no Iémen, através da insegura fronteira que divide os dois territórios. De igual modo, os *Houthis* recorrem ao câmbio monetário e às transações financeiras com o Irão através dos bancos omanitas, e as viagens efetuadas por parte dos líderes do movimento para o Irão decorrem a partir da Omã, sendo que alguns dos quais se encontram estabelecidos neste país, como é o caso do negociador-chefe, Mohammed Abdulalam (Juneau, 2021:9-10).

## 6. A Rivalidade Iraniano-Saudita

De acordo com Litvak (2017:49-50), o antagonismo entre a Arábia Saudita e o Irão assenta na disputa pelo estatuto de poder hegemónico regional, na competição económica sobre o preço do petróleo e na reivindicação mútua do estatuto de líder do mundo islâmico, incorporando-se uma dimensão secária a esta rivalidade geopolítica, contrapondo-se o *wahhabismo* e o *shiismo*<sup>1</sup>. Observa-se ainda uma rejeição recíproca entre os respetivos modelos de governação, cada qual defendendo a legitimidade islâmica e com visões distintas no que concerne à ordem regional — o Irão opõe-se veementemente ao sistema monárquico saudita, considerando que este vai contra os princípios da fé islâmica, apresentando um regime baseado na liderança de autoridades religiosas. Atualmente não dispõem de relações diplomáticas oficiais, o que agrava o dilema securitário (Alzawahreh, 2021:32-33). O tráfego comercial entre a Arábia Saudita e o Irão também é escasso, tendo as relações comerciais se deteriorado sobretudo a partir de 2007 e apresentado uma queda dramática a partir de 2015 (Mabon et al., 2021:75).

De um modo geral, a rivalidade iraniano-saudita tem sido explorada pelas potências externas. A Arábia Saudita desde sempre preteriu o capitalismo em detrimento do comunismo, o que determinou um alinhamento aos Estados Unidos da América, que remonta ao acordo de petróleo de 1945. Contrariamente, o Irão, desde 2006, tem enfrentado a imposição de sanções económicas por parte da Casa Branca, em virtude do programa nuclear apresentado pela República Islâmica. O posicionamento da República Popular da China tem também tido um papel fundamental, no âmbito da oposição de Pequim às sanções norte-americanas, tendo dado continuidade às importações de petróleo iraniano (Ghoble, 2019:49; Hussain, 2015:35). Teerão dispõe também de

---

1. A intitulação oficial do Supremo Líder do Irão é “Guardião dos Muçulmanos”, enquanto a designação do rei saudita é “Servo dos Dois Santuários Sagrados”.

uma relação securitária com a Federação Russa, tendo ambos cooperado largamente na defesa do regime sírio de Bashar al-Assad (Phillips, 2020:8).

Militarmente, as maiores fontes de resistência entre Riade e Teerão residem no programa nuclear iraniano — que o Irão defende servir exclusivamente para propósitos energéticos — e no apoio iraniano a grupos e atores não-estatais que manifestam uma oposição aos respectivos regimes internos ou mesmo ao *status quo* regional (Gul et al., 2021:20-22). A corrida ao armamento tem se observado por parte dos dois poderes, marcando um ambiente altamente competitivo e de desconfiança, indo ao encontro da reflexão de Waltz (1979:118) acerca dos esforços internos pelos quais os Estados enveredam de modo a alcançarem os objetivos a que se propõem, onde se inserem as manobras para reforçar as capacidades económicas, militares e estratégicas. Contudo, evidencia-se uma disparidade em termos de capacidades materiais entre ambos os poderes — o Irão apresenta uma maior população e vantagens em termos de exército convencional, enquanto o Reino saudita dispõe de um maior desenvolvimento económico e equipamentos bélicos mais sofisticados, nomeadamente na força aérea. Todavia, nenhuma das partes demonstra interesse numa confrontação direta (Phillips, 2020:8). De um modo geral, os conflitos no Iémen, Bahrain, Líbia e Síria tornaram-se campos de batalha entre os dois poderes regionais, com a finalidade de expandirem as respetivas esferas de influência (Mirza et al., 2021:1).

De modo a inferir se a guerra civil no Iémen se trata ou não de uma guerra por procuração, importa recorrer a uma compreensão do termo. Rauta (2018:453) identifica três atores fundamentais que compõem uma guerra por procuração: o Beneficiário, o Alvo e o Procurador. O Beneficiário consiste no Estado patrono, ou seja, o patrocinador do Procurador, a parte que providencia a intervenção militar indireta, de modo a infligir custos ao Alvo, que representa o adversário do Beneficiário. Johnston et al. (2020:11-13) apresentam as relações entre o Beneficiário e o Procurador como parcerias estratégicas, nas quais ocorre um intercâmbio de interesses, através de “obrigações e benefícios mútuos” — tendencialmente, o Beneficiário vê cumpridos os seus interesses estratégicos, sem recorrer ao uso direto da força, enquanto o Procurador recebe apoios que lhe permite uma melhoria das capacidades políticas e militares.

Rauta (2021:12-16) defende que não existe uma definição universal de “guerra por procuração”, mas apresenta três fatores estruturais característicos. Em primeiro lugar, aponta o fator material, isto é, a provisão de assistência em termos financeiros, logísticos, de treinamento e/ou de partilha de *intelligence* ao Procurador, por parte de um ator externo. Em seguida, destaca

o fator processual, que diz respeito à forma como este apoio é concedido, podendo envolver ou não um intermediário externo. Por fim, o fator relacional prende-se com a natureza da ligação entre o Procurador e o Beneficiário, sendo este fator crucial para distinguir guerras por procuração de uma mera prestação de auxílio — descrita como o emprego de força militar em defesa de um outro Estado — ou alianças — que consistem em acordos oficiais assinados entre, pelo menos, dois Estados independentes, podendo estabelecer ou não a cooperação mútua em caso de conflito ou escalada de tensão. O processo relacional tendencialmente é indireto.

Atendendo a esta conceptualização, é possível concluir que o conflito no Iémen consiste numa guerra por procuração entre o Irão e a Arábia Saudita, na qual o Beneficiário é representado pela República Islâmica, através da conceção de apoio logístico e material indireto e informal aos *Houthis*, o Procurador, visando impor custos securitários e financeiros à Arábia Saudita. Perante este cenário, é adequado afirmar que a guerra do Iémen fez acentuar a desconfiança mútua entre os dois poderes regionais.

## **7. Os Esforços na Construção da Paz e o Futuro da Ordem Regional**

Atendendo ao elevado grau de resistência dos *Houthis*, um acordo de paz no Iémen tem-se revelado difícil de alcançar (Sharp, 2018:3). O movimento é reconhecido pelas Nações Unidas como um parceiro fundamental nas negociações, conferindo-lhes um estatuto de legitimidade, amplamente negado pelo Presidente Mansur al-Hadi (Al-Hamdani & Lackner, 2020:22). As primeiras conversações mais longas e relevantes decorreram no Kuwait, em 2016, sob os auspícios da ONU, nas quais os *Houthis* propuseram a criação de um regime de transição, através de um governo unitário e um conselho presidencial, enquanto o Presidente Hadi insistiu na reposição dos parâmetros anteriores à ocupação de Sanaa (Johnston et al., 2020:75). As discussões formais apenas viriam a ser retomadas em dezembro de 2018, que terminaram com a assinatura do Acordo de Estocolmo, o qual previa um cessar-fogo nos portos de al-Hodeidah, Salif e Ras Issa, embora tenha sido rapidamente violado (Malley & Pomper, 2021; Pradhan, 2020:4-5).

No seguimento da tomada de posse do Presidente norte-americano Joe Biden, em janeiro de 2021, a Casa Branca tem repetidamente afirmado o compromisso de terminar a guerra do Iémen (Malley & Pomper, 2021). Simultaneamente, iniciou-se uma nova fase de diálogo entre os Estados Unidos e o Irão, atendendo às pretensões da nova administração no regresso ao acordo nuclear e às críticas tecidas por Biden à Arábia Saudita. Em virtude deste reposicionamento de Washington, verificaram-se alguns ajustes na política ex-

terna saudita, destacando-se a oferta aos *Houthis* de um cessar-fogo no Iémen; e o início de conversações formais com o Irão (Guzansky & Shine, 2021:1-2).

A Arábia Saudita apresenta também um interesse maior no fim do conflito iemenita, considerando os efeitos nefastos da intervenção – estima-se que, entre março de 2015 e fevereiro de 2021, cerca de 860 mísseis e drones tenham sido lançados pelos *Houthis* contra o solo saudita, em retaliação (Guzansky & Shine, 2021:3). De igual modo, a reputação global do Reino é particularmente afetada pelo impacto humanitário, nomeadamente nas taxas de mortalidade infantil, constando na lista negra de países acusados de violar os direitos das crianças da ONU (Parveen, 2018:137-138). Acrescem ainda o insucesso da campanha militar para derrubar o movimento e estagnar a expansão da esfera de influência iraniana e as repercussões económicas, nomeadamente os elevados custos financeiros da intervenção e a quebra de confiança de investidores externos no Reino.

Deste modo, tem-se assistido a uma inversão na estratégia de Riade, tendo em abril de 2022, ajudado a estabelecer um Conselho Presidencial no Iémen, cabendo-lhe a função de restaurar a soberania do Presidente Hadi (Kirchner, 2022). No mesmo mês, a assinatura de um acordo de trégua entre os *Houthis* e a Arábia Saudita, mediado pelas Nações Unidas, teve como resultados imediatos o fim dos ataques transfronteiriços, a retoma dos voos comerciais no aeroporto de Sanaa e o levantamento de restrições no abastecimento do porto de al-Hodeidah – que teve como efeito o abastecimento de mais de 720 mil toneladas de petróleo entre o início de abril e o final de julho, contrastando com o total de 470 mil toneladas, registado em todo o ano de 2021 (Salisbury & Weissenburger, 2022; Kirchner, 2022). Em junho, foram retomadas as conversações diretas entre os *Houthis* e os oficiais sauditas relativamente à segurança de longo termo (Salisbury & Weissenburger, 2022). O acordo de trégua terminou a vigência em 2 de outubro, não tendo as negociações frutificado um acordo de paz (Aljazeera, 2022).

Não obstante, atualmente, a estabilização do Iémen e de toda a região do Golfo Pérsico é de maior interesse internacional, no contexto da necessidade de estimular o aumento de produção de petróleo e gás natural, atendendo ao impacto global da guerra da Ucrânia nos preços dos recursos energéticos. As capacidades dos *Houthis* de atacar infraestruturas fundamentais no Mar Vermelho e na região do Golfo representa um risco para o comércio internacional (Kirchner, 2022). A União Europeia pode contribuir para o término do conflito iemenita, através da expansão dos canais de contacto com os *Houthis*, da promoção das negociações formais e do aumento da ajuda humanitária (Al-Hamdani & Lackner, 2020:23-27).



Atendendo a esta conjuntura que se presencia, é possível prospetar que o fim da campanha militar levada a cabo pela coligação liderada pela Arábia Saudita no Iémen possa vir a ser anunciado no curto prazo. No entanto, a estabilização interna do Iémen permanece como uma realidade distante, não somente pela determinação dos *Houthis* em preservar e, eventualmente, expandir as áreas controladas (cfr. Anexo 2) — os líderes do movimento têm mantido a ordem repressiva, o exercício da violência e o bloqueio da cidade de Taíz, que se prolonga desde 2016 (Kirchner, 2022; Hatem, 2022) — mas também tendo presente a complexidade da sociedade iemenita e a atuação de diversos grupos e milícias. Em agosto de 2022, as fações do Conselho de Transição do Sul, apoiadas pelos Emirados Árabes Unidos, têm dificultado o processo de paz, opondo-se ao Conselho Presidencial estabelecido em abril, do qual não são parte integrante, tendo algumas das milícias conduzido ataques nas províncias de Shabwa e Abyan (Reuters, 2022).

Juneau (2021:16-17) defende que os *Houthis* só aceitarão a paz no Iémen se os respetivos interesses forem acautelados, nomeadamente a garantia de um papel de grande representatividade na política iemenita. O facto de continuarem a deter o controlo de Sanaa simboliza uma vitória e uma posição resiliente e consolidada do movimento, sendo plausível que venha a ser negociado e alcançado um compromisso político para uma partilha de poderes entre o Presidente Hadi e os *Houthis*, no qual detenham uma forte influência no aparelho político. A concretizar-se este cenário, é expectável que o grupo armado continue a atuar como uma organização política paralela, à semelhança do *Hezbollah* após a guerra do Líbano de 2006, travada com Israel (Johnston et al., 2020:82).

Relativamente ao futuro das relações bilaterais entre a Arábia Saudita e o Irão, desenvolvimentos positivos têm sido promovidos por ambas as partes, tendo em vista a estabilização da ordem regional. Em outubro de 2018, o príncipe herdeiro saudita, Mohammed bin Salman, anunciou a Visão 2030 do Reino, na qual é afirmada a pretensão de transformar a região do Médio Oriente numa “nova Europa”. A concretização deste objetivo político e socioeconómico requer, essencialmente, um afastamento da Arábia Saudita de todos os conflitos, um investimento financeiro considerável e uma mudança do *status quo* regional (Mabon et al., 2021:70). Reduzir as tensões e criar estabilidade no Médio Oriente é uma necessidade urgente para melhorar as condições socioeconómicas domésticas e regionais e a reputação global da Arábia Saudita e do Irão, devendo o processo de paz incidir na criação de novos investimentos e de oportunidades financeiras. O petróleo, que tem sido utilizado como uma ferramenta na rivalidade iraniano-saudita, é um exce-

lente exemplo do potencial económico que pode ser alcançado através da reconciliação e da cooperação, uma vez que cerca de 35% das reservas mundiais de petróleo se encontram nos dois países (Mabon et al., 2021:71-72).

Contrariamente à presidência iraniana de Hassan Rouhani, que enveredou por uma redução dos laços diplomáticos com os Estados árabes e enfatizou as relações com o Ocidente, o novo Presidente Ebrahim Raisi, eleito em 2021, apresenta uma vontade de melhorar as relações com os países vizinhos e de avançar no sentido de uma reconciliação com a Arábia Saudita<sup>2</sup>. O Presidente tem reforçado um aumento do fluxo comercial com a Arábia Saudita e a cooperação no domínio da energia melhorará as condições socioeconómicas do Médio Oriente e trará benefícios à segurança regional. Desde abril de 2021, já decorreram cinco rondas de negociações para uma reconciliação e o restabelecimento de relações diplomáticas entre a Arábia Saudita e o Irão, mediadas pelo Iraque (Mabon et al., 2021:75-78; Saleh, 2022; Tehran Times, 2022). Ainda que a confiança mútua entre ambos os poderes regionais ainda seja um longo caminho a percorrer, estas conversações constituem avanços positivos (Al-Aloosy, 2022).

## 8. Conclusão

O presente artigo debruçou-se numa análise do reflexo da rivalidade estratégica entre a Arábia Saudita e o Irão no conflito do Iémen, travado entre o movimento *Houthi* e o governo central reconhecido internacionalmente, presidido por Abd Mansur al-Hadi. A investigação alicerçou-se na Teoria do Neorrealismo de Kenneth Waltz e recorreu a uma metodologia interpretativista, com base numa recolha de dados qualitativos.

No seguimento da ocupação de Sanaa, em setembro de 2014, por parte das forças do movimento *Houthi*, e do posterior avanço na expansão do controlo territorial, o Presidente Abd Mansur al-Hadi veio requisitar ajuda à comunidade internacional, em março de 2015, o que deu azo à edificação de uma coligação de países sunitas, liderada pela Arábia Saudita e apoiada diplomaticamente pelos Estados Unidos da América durante os mandatos presidenciais de Barack Obama e Donald Trump (Hokayem & Roberts, 2016:161-162; Al-Hamdani & Lackner, 2020:9).

A coligação iniciou uma intervenção militar no Iémen em 26 de março de 2015, mediante os objetivos de derrotar os *Houthis* e restaurar a soberania de Mansur al-Hadi. A campanha recorreu a vigorosos bombardeamentos aéreos

---

2. Raisi subiu ao poder num período conturbado para a República Islâmica, em que se impõem desafios internos, sobressaindo-se a estagnação económica e as demandas civis para uma reforma social e uma abertura nos direitos e liberdades.

e à imposição de bloqueios navais e aéreos. Para a Arábia Saudita, os maiores interesses nestas operações residem na salvaguarda da integridade territorial das fronteiras do Reino e na contenção da esfera de influência do Irão (Darwich, 2020:104-107; Karakir, 2018:130). Todavia, a retaliação por parte das forças *Houthis*, com recurso a drones e mísseis balísticos de curto e médio alcance no território saudita, a partir de 2016, sugerem a providência de auxílio material e logístico ao *Ansar Allah* por parte do Irão, ainda que este apoio não seja admitido por nenhuma das partes (Brehony, 2020:513-514; Esfandiary & Tabatabai, 2016:156; Juneau, 2016:658-661; Al-Hamdani & Lackner, 2020:20).

Assim, o conflito no Iémen na geopolítica do Médio Oriente propiciou o robustecimento da polarização regional, através da formação de blocos de alianças, o que se coaduna com a ideia de Waltz (1979:166) de que, num sistema internacional anárquico, o equilíbrio de poder é impreterível para a salvaguarda securitária. Com efeito, os países árabes que formam a coligação liderada pela Arábia Saudita procuram conter a instabilidade regional que pode emergir do Iémen e travar a expansão da esfera de influência do Irão (Hokayem & Roberts, 2016:161-164). Em contrapartida, ambicionando o domínio político sobre os demais Estados (Waltz, 1979:118), a conceção de apoio a grupos insurgentes e movimentos armados por parte do Irão tem por base a prossecução de objetivos geostratégicos, no contexto da oposição ao *status quo* regional, onde prevalece o domínio saudita e norte-americano (Juneau, 2021:2).

O antagonismo entre o Irão e a Arábia Saudita tem por base uma competição estratégica sobre o estatuto de potência hegemónica regional e a disputa ideológica pela liderança do mundo islâmico, confrontando-se o *wahhabismo* e o *shiismo*. As tensões entre os dois poderes regionais acentuaram-se no seguimento da Primavera Árabe, tendo o Irão apoiado politicamente os movimentos de oposição aos regimes árabes pró-ocidentais (Litvak, 2017:49-52). Assim, o conflito iemenita consiste numa guerra por procuração, na qual o Irão representa o Beneficiário, tendo desenvolvido um vínculo com os *Houthis*, o Procurador, fornecendo-lhes capacidades estratégicas de modo a incutir custos securitários e financeiros à Arábia Saudita, o Alvo. As dinâmicas de procuração tornaram-se notórias após o rompimento diplomático em 2016 e o início das incursões transfronteiriças levadas a cabo pelos *Houthis* (Al-Aloosy, 2022). Através da participação indireta no conflito, o Irão cumpriu o objetivo proposto de impor prejuízos à Arábia Saudita, enquanto para Riade o insucesso da campanha representa uma humilhação e um prejuízo financeiro (Al-Hamdani & Lackner, 2020:20; Kendall, 2017:4)

Um acordo de trégua assinado em abril de 2022, entre os *Houthis* e a Arábia Saudita, resultou no anúncio de um cessar-fogo por parte da coligação, a par

de uma reabertura do aeroporto de Sanaa e do porto marítimo de al-Hodeidah e da retoma de conversações formais em torno de um acordo de paz, que embora não tenha sido alcançado, estes desenvolvimentos representaram o maior esforço de construção da paz (Salisbury & Weissenburger, 2022; Aljazeera, 2022). A Casa de al-Saud tem empreendido esforços para terminar este conflito, atendendo aos efeitos nefastos na economia e na reputação mundial do Reino (Guzansky & Shine, 2021:3; Parveen, 2018:137). Contudo, a estabilização interna do Iêmen é improvável no médio-prazo, atendendo à continuidade do exercício da violência e da repressão pelos *Houthis* nas áreas que controlam, mas também considerando a multiplicidade de atores não-estatais e milícias separatistas com capacidade de conduzir ações violentas (Hatem, 2022; Reuters, 2022).

Relativamente às relações bilaterais entre a Arábia Saudita e o Irão, desde 2021 tem sido evidenciada uma mudança de paradigma, no contexto da Visão 2030 da Arábia Saudita, que tem como meta desenvolver e transformar a região do Médio Oriente na “nova Europa”, sendo um passo crucial a redução das tensões e o estabelecimento de uma cooperação económica e energética com o Irão. A nova administração iraniana de Ebrahim Raisi também se tem demarcado pelo desenvolvimento de uma política externa de cooperação com os países árabes, sendo a reconciliação com Riade uma prioridade, tendo em vista o interesse em alavancar a economia, prejudicada pelas sanções impostas pela Casa Branca em virtude do programa nuclear iraniano; e a prossecução da estabilização e salvaguarda securitária regional (Mabon et al., 2021:70-78).

Data de receção: 31/10/2022

Data de aprovação: 21/04/2023

## Referências

- Al-Aloosy, M. (18 de maio de 2022). *Saudi-Iranian Negotiations: Managing the Conflict and Gauging Broader Regional Impact*. The Arab Gulf States Institute in Washington. Disponível em: <https://agsiw.org/saudi-iranian-negotiations-managing-the-conflict-and-gauging-broader-regional-impact/> (consultado em 30/08/2022).
- Al-Hamdani, R.; Lackner, H. (2020). Talking to the *Houthis*: How can Europeans Promote Peace in Yemen. *European Council on Foreign Relations – Policy Brief*, 1-31. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep26436> (consultado em 23/03/2022).
- Aljazeera (3 de outubro de 2022). *Yemen’s warring sides fail to agree extension to UN-backed truce*. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/10/3/yemen-warring-sides-fail-to-agree-extension-to-un-backed-truce>.

- mens-warring-sides-fail-to-agree-extension-to-un-backed-truce (consultado em 20/10/2022).
- Alzawahreh, A. S. (2021). Prisoner's Dilemma Theory in International Relations: A Theoretical and Practical Study on Saudi-Iranian Relations. *Canadian Social Science*, 17(5), 30-34. Disponível em: <http://www.flr-journal.org/index.php/css/article/viewFile/12291/12042> (consultado em 21/03/2022).
- Amiri, S.; Mirzaei, M. M. (2021). Iran-Yemen Relations and its Geopolitical Crisis. *International Relations and Diplomacy*, 9(9), 382-403. Disponível em: <http://www.davidpublisher.com/Public/uploads/Contribute/62144490cb718.pdf> (consultado em 01/04/2022).
- Brehony, N. (2020). War in Yemen: No end in sight as the state disintegrates. *Asian Affairs*, 51(3), 510-527. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03068374.2020.1812263> (consultado em 02/11/2021).
- Brzezinski, Z. (1997). *The Grand Chessboard – American Primacy and Its Geostrategic Imperatives*. Basic Books (consultado em 01/02/2022).
- Centanni, E.; Djukic, D. (2022); *Yemen Control Map & Report: Truce Pauses Fighting – April 2022* [Mapa ilustrativo sobre a divisão do controlo das regiões do Iémen]. PolGeoNow. Disponível em: <https://www.polgeonow.com/2022/04/yemen-civil-war-map-2022.html> (consultado em 20/09/2022).
- Clausen, M. L. (2018). Competing for Control over the State: The Case of Yemen. *Small Wars and Insurgencies*, 29(3), 560-578. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09592318.2018.1455792> (consultado em 20/10/2021).
- Darwich, M. (2020). Escalation in Failed Military Interventions: Saudi and Emirati Quagmires in Yemen. *Global Policy*, 11(1), 103-112. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/1758-5899.12781> (consultado em 10/11/2021).
- Donnelly, J. (2013). Realism. In S. Burchill & A. Linklater (Eds.), *Theories of International Relations* (5.ª ed., pp. 32-56). Palgrave Macmillan (consultado em 02/02/2022).
- Dunne, T.; Kurki, M.; Smith, S. (2013). *International Relations Theories – Discipline and Diversity* (3.ª ed.). Oxford University Press (consultado em 01/03/2022).
- Esfandiary, D.; Tabatabai, A. (2016). Yemen: An Opportunity for Iran-Saudi Dialogue? *The Washington Quarterly*, 39(2), 155-174. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0163660X.2016.1204415> (consultado em 26/10/2021).
- Ghoble, V. T. (2019). Saudi Arabia-Iran Contention and the Role of Foreign Actors. *Strategic Analysis*, 43(1), 42-53. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09700161.2019.1573772> (consultado em 25/03/2022).
- Gul, A.; Abbasi, R. K.; Haider, S. A. (2021). Iran and Saudi Arabia's Strategic Rivalry and the Middle Eastern Security: An Assessment. *Liberal Arts & Social Sciences International Journal*, 5(2), 17-29. Disponível em: <https://doi.org/10.47264/idea.lassij/5.2.2> (consultado em 28/03/2022).
- Guzaknsy, Y.; Shine, S. (2021). Saudi-Iranian Dialogue: Toward a Strategic Change? *Institute for National Security Studies Insight – No. 1464*, 1-4. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep33858> (consultado em 25/03/2022).
- Hatem, F.; Cazes, B.; Roubelat, F. (1993). *La Prospective – Pratiques et Méthodes*. Collection Gestion, Ed. Economica (consultado em 25/02/2022).

- Hatem, M. (29 de agosto de 2022). *Yemen's Military Committee Suspends Talks with Houthi Rebels*. Bloomberg. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2022-08-29/yemen-s-military-committee-suspends-talks-with-houthi-rebels> (consultado em 30/08/2022).
- Hokayem, E.; Roberts D. B. (2016). The War in Yemen. *Survival*, 58(6), 157-186. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00396338.2016.1257202> (consultado em 30/10/2021).
- Hussain, N. (2015). US-Iran Relations: Issues, Challenges and Prospects. *Policy Perspectives*, 12(2), 29-47. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.13169/po-lipers.12.2.0029> (consultado em 21/04/2022).
- Johnston, T.; Lane, M.; Casey, A.; Williams, H. J.; Rhoades, A. L.; Sladden, J.; Vest, N.; Reimer, J. R.; Haberman, R. (2020). *Could the Houthis Be the Next Hizballah? – Iranian Proxy Development in Yemen and the Future of the Houthi Movement*. RAND Corporation. Disponível em: <https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1106103.pdf> (consultado em 29/11/2021).
- Juneau, T. (2016). Iran's policy towards the Houthis in Yemen: a limited return on a modest investment. *International Affairs*, 92(3), 647-663. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-2346.12599> (consultado em 27/10/2021).
- Juneau, T. (2020). The UAE and the War in Yemen: From Surge to Recalibration. *Survival*, 62(4), 183-208. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00396338.2020.1792135> (consultado em 02/11/2021).
- Juneau, T. (2021). How War in Yemen Transformed the Iran-Houthi Partnership. *Studies in Conflict & Terrorism*, 44(12), 1-23. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1057610X.2021.1954353> (consultado em 30/10/2021).
- Kaptan, D. (2021). The Unending War in Yemen: An Examination of the Unnatural Balance of Power between Saudi Arabia and Iran. *Contemporary Challenges*, 2, 55-79. Disponível em: <http://journals.ed.ac.uk/Contemporary-Challenges/article/view/5414/8768> (consultado em 28/03/2022).
- Karakir, I. A. (2018). Ongoing Conflict in Yemen: A Proxy War? *TESAM Akademi Dergisi – Turkish Journal of TESAM Academy*, 5(2), 121-149. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/528413> (consultado em 05/05/2022).
- Kendall, E. (2017). Iran's Fingerprints in Yemen: Real or Imagined? *Atlantic Council – Issue Brief*, 1-11. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/resrep16801?seq=1#metadata\\_info\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/resrep16801?seq=1#metadata_info_tab_contents) (consultado em 30/04/2022).
- Kirchner, M. (15 de agosto de 2022). *Can the third time be the charm for Yemen?* IPS. Disponível em: <https://www.ips-journal.eu/topics/foreign-and-security-policy/can-the-third-time-be-the-charm-for-yemen-6125/> (consultado em 30/08/2022).
- Litvak, M. (2017). Iran and Saudi Arabia: Religious and Strategic Rivalry. In J. Teitelbaum (Ed.); *Saudi Arabia, the Gulf, and the New Regional Landscape* (pp. 49-54), The Begin-Sadat Center for Strategic Studies – Middeast Security and Policy Studies, (133). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/resrep04754.10> (consultado em 25/03/2022).
- Mabon, S.; Nasirzadeh, S.; Alrefai, E. (2021). De-securitisation and Pragmatism in the Persian Gulf: The Future of Saudi-Iranian Relations. *The International Spectator*, 56(4), 66-83. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03932729.2021.1989183> (consultado em 30/04/2022).



- Malley, R.; Pomper, S. (2021). Accomplice to Carnage: How America Enables War in Yemen. *Foreign Affairs*, 100(2), 73-88. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2021-02-09/how-america-enables-war-yemen> (consultado em 24/03/2022).
- Mirza, M. N.; Abbas, H.; Qaisrani, I. H. (2021). Structural Sources of Saudi-Iran Rivalry and Competition for the Sphere of Influence. *SAGE Open*, 11(3), 1-9. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/21582440211032642> (consultado em 30/04/2022).
- Munteanu, R. (2015). Saudi Arabia, Iran and the Geopolitical Game in Yemen. *Research and Science Today*, 10(2), 57-62. Disponível em: <https://www.rstjournal.com/wp-content/uploads/mdocs/07.%20Razvan%20Munteanu%20-%20SAUDI%20ARABIA,%20IRAN%20AND%20THE%20GEOPOLITICAL%20GAME%20IN%20YEMEN.pdf> (consultado em 25/03/2022).
- Parveen, A. (2018). The Yemen Conflict: Domestic and Regional Dynamics. In S. Singh (Ed.), *West Asia in Transition – Volume II* (pp. 130-148). Delhi Policy Group, Institute for Defence Studies & Analyses New Delhi, Pentagon Press. Disponível em: <https://www.idsa.in/system/files/book/book-west-asia-2017.pdf#page=147> (consultado em 04/05/2022).
- Perestrelo, M. (2002). Planeamento Estratégico e Avaliação – Metodologias de Análise Prospectiva. *Cidades – Comunidades e Territórios*, (4), 33-43 (consultado em 26/02/2022).
- Phillips, C. (2020). Rivalry Amid Systemic Change: Iranian and Saudi Competition in the post-American Middle East. In POMEPS Studies 38 (Ed.), *Sectarianism and International Relations* (pp. 7-11). SEPAD. Disponível em: [https://pomeps.org/wp-content/uploads/2020/03/POMEPS\\_Studies\\_38\\_Web.pdf#page=8](https://pomeps.org/wp-content/uploads/2020/03/POMEPS_Studies_38_Web.pdf#page=8) (consultado em 23/08/2022).
- Popp, R. (2015). War in Yemen: Revolution and Saudi Intervention. *CSS Analyses in Security Policy*, (175), 1-4. Disponível em: <https://doi.org/10.3929/ethz-a-010681857> (consultado em 30/10/2021).
- Porta, D.; Keating, M. (2008). *Approaches and Methodologies in the Social Sciences – A Pluralist Perspective*. Cambridge University Press. Disponível em: [https://www.hse.ru/data/2012/11/03/1249193115/Donatella\\_Della\\_Porta\\_Michael\\_Keating\\_Aproa.pdf](https://www.hse.ru/data/2012/11/03/1249193115/Donatella_Della_Porta_Michael_Keating_Aproa.pdf) (consultado em 01/02/2022).
- Pradhan, P. K. (2020). Five Years of Military Intervention in Yemen: An Assessment. *Strategic Analysis*, 1-7. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09700161.2020.1787685> (consultado em 24/11/2021).
- Rauta, V. (2018). A structural-relational analysis of party dynamics in proxy wars. *International Relations*, 32(4), 449-467. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0047117818802436> (consultado em 24/08/2022).
- Rauta, V. (2021). “Proxy War” – A Reconceptualisation. *Civil Wars*, 23(1), 1-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13698249.2021.1860578> (consultado em 24/08/2022).
- Reuters (23 de agosto de 2022). *Yemeni southern separatists launch military campaign in Abyan*. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/yemeni-southern-separatists-launch-military-campaign-abyan-2022-08-23/> (consultado em 29/08/2022).



- Saleh, A. (21 de agosto de 2022). *One Year On: Iran Since President Raisi*. Aljazeera Centre for Studies. Disponível em: <https://studies.aljazeera.net/en/analyses/one-year-iran-president-raisi> (consultado em 16/09/2022).
- Salisbury, P. (2015). Yemen and the Saudi-Iranian “Cold War”. *Middle East and North Africa Programme, Chatham House – The Royal Institute of International Affairs*, 1-13. Disponível em: [https://cdn.mashregnews.ir/old/files/fa/news/1393/12/10/924869\\_652.pdf](https://cdn.mashregnews.ir/old/files/fa/news/1393/12/10/924869_652.pdf) (consultado em 01/04/2022).
- Salisbury, P.; Weissenburger, A. (28 de junho de 2022). *The Surprising Success of the Truce in Yemen – Building on Diplomacy Requires Decoding the Houthis*. Foreign Affairs. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/yemen/2022-06-28/surprising-success-truce-yemen> (consultado em 28/06/2022).
- Sharp, J. M. (2018). Yemen: Civil War and Regional Intervention. *Congressional Research Service*, 1-16. Disponível em: [https://www.youthlead.org/sites/default/files/YouthLead/files/resources/Yemen\\_Civil\\_War\\_and\\_Regional\\_Interventio.pdf](https://www.youthlead.org/sites/default/files/YouthLead/files/resources/Yemen_Civil_War_and_Regional_Interventio.pdf) (consultado em 24/11/2021).
- Stenslie, S. (2015). “Decisive Storm”: Saudi Arabia’s attack on the *Houthis* in Yemen. *Norwegian Peacebuilding Resource Center, Expert Analysis*, 1-4. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/191021/fdae163be3c9b498ae792fb7bd161c81.pdf> (consultado em 29/10/2021).
- Tehran Times (30 de agosto de 2022). *Raisi says region will benefit from restoration of Terhran-Riyadh ties*. Disponível em: <https://www.tehrantimes.com/news/476245/Raisi-says-region-will-benefit-from-restoration-of-Tehran-Riyadh> (consultado em 30/08/2022).
- Terrill, A. (2014). Iranian Involvement in Yemen. *Foreign Policy Research Institute*, 58(3), 429-440. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.orbis.2014.05.008> (consultado em 26/10/2021).
- Waltz, K. N. (1979). *Theory of International Politics*. Addison-Wesley Publishing Company (consultado em 25/02/2022).

### **Sobre o autor**

PEDRO PINTO é Mestre em Relações Internacionais. As suas principais áreas de investigação relacionam-se com tensões geopolíticas e confrontos de liderança, com um especial foco nos conflitos do Médio Oriente e os desafios securitários para a ordem regional que daí advêm.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0006-3195-1265>]

### **About the author**

PEDRO PINTO holds a Master’s Degree in International Relations. His main areas of research are related to Geopolitical tensions and leadership clashes, with a special focus on Middle Eastern conflicts and its security challenges for the regional order.

[ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0006-3195-1265>]

## Anexos

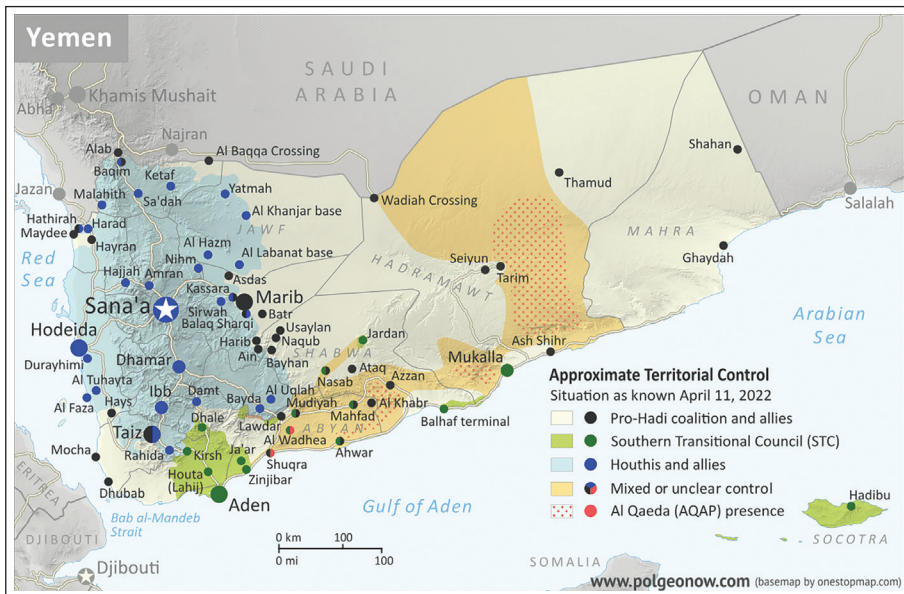
### ANEXO 1

Enquadramento geográfico do Iémen na região do Golfo Pérsico



### ANEXO 2

A divisão do controlo das regiões do Iémen, conforme a situação conhecida em abril de 2022



Fonte: Centanni & Djukic, 2022, PolGeoNow, <https://www.polgeonow.com/2022/04/yemen-civil-war-map-2022.html>